



Os jornais estudantis no espaço público da imprensa paraense no século XIX ¹

Camille Nascimento da SILVA²
Netilia Silva dos Anjos SEIXAS³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo tem como proposta a análise de jornais estudantis do Pará do século XIX, buscando verificar de que forma eles constituíam um espaço público dentro da mídia impressa daquele período. Entre os diversos tipos de jornais publicados no Pará, no século XIX, os jornais estudantis eram publicações comuns, alguns representando escolas da época, sendo redigidos ora por diretores, ora por alunos, e outros eram dedicados à juventude estudiosa. Na análise, buscou-se apoio nos estudos de Jurgen Habermas, pois o autor considera o jornal como a primeira forma de espaço público. O trabalho é resultado das atividades realizadas no projeto de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”,⁴ realizado na Universidade Federal do Pará.

PALAVRAS-CHAVE: jornais estudantis; espaço público; história; Belém.

INTRODUÇÃO

O que se tem de registro sobre a história da mídia impressa no Brasil ainda é pouco, se for comparado ao grande número de informações existentes que ainda não foram analisadas. No Pará, a realidade não é diferente. Levando em consideração o grande número de jornais e revistas que circularam no Estado desde o surgimento do primeiro jornal na região, ainda falta uma sistematização de dados e registros para que

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/FAPESPA junto à Universidade Federal do Pará, estudante graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. E-mail: milenascimento@yahoo.com.br

³ Coautora e orientadora do trabalho, coordenadora do projeto de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutora em Letras, jornalista, professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: netilia@uol.com.br e netilia@ufpa.br

⁴ O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado à Faculdade de Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará.



se possa compreender de forma mais completa como se delineou a história da imprensa em Belém e no Pará.

O objeto de estudo do projeto de pesquisa “Jornais Paraóaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX” são os jornais e revistas que circularam na capital paraense nesse período. Assim, a pesquisa busca entender a complexificação da mídia impressa paraense por meio da análise gráfica e de conteúdo dos impressos disponíveis para a pesquisa.

O Catálogo Jornais Paraóaras é uma enumeração feita pela Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna dos impressos que foram publicados em Belém desde o primeiro jornal a circular nesta cidade, *O Paraense* (1822), até o ano de 1985. Dentre os mais variados perfis de periódicos e semanários encontrados, como os políticos, os comerciais, os religiosos, os de comunidades secretas como a maçonaria, encontra-se o registro dos jornais estudantis. Estão catalogados 24 jornais estudantis entre os anos 1822 e o final do século XIX, porém, encontram-se disponíveis para a pesquisa apenas oito, que constituirão o *corpus* de análise deste trabalho. São eles: *A Juventude* (1881); *Collegio Salles* (1888); *O Porvir* (1888); *O Crepúsculo* (1890); *A Pátria* (1890); *A Revista Estudantina* (1890); *A Escola* (1892) e *Echo Juvenil* (1899).⁵

Esses jornais, que se autodescreviam como *críticos, literários, recreativos, políticos* e *noticiosos*, funcionavam como órgãos oficiais das escolas daquele período ou eram iniciativa dos alunos e mestres para fazerem circular suas ideias. Mas será que o público alvo desses jornais eram apenas os estudantes? Por meio da leitura de alguns desses periódicos pode-se observar que havia a proposta de atingir um público maior, já que a ênfase à educação e à moral eram temas pertinentes. Assim, a proposta deste artigo é analisar os jornais estudantis do século XIX, buscando verificar de que forma eles constituíam um espaço público dentro da mídia impressa daquele período.

O século XIX e os mais variados jornais

A cidade de Belém tem como uma das características marcantes a presença de diversas praças. Uma delas, a Praça Felipe Patroni, homenageia em seu nome um dos grandes personagens da imprensa do século XIX, o jovem Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente.

⁵ O Catálogo Jornais Paraóaras registra como data de publicação o ano de 1886, porém, nos arquivos da Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna a data, encontrada é 1899. Utiliza-se, então, neste artigo o ano de 1899, já que a edição do jornal consultada é daquele ano.



Além de desenvolver atividades políticas, ele foi o responsável pelo primeiro jornal impresso do Estado, *O Paraense*, em 1822, trazendo ao público leitor os ideais do Movimento Vintista ou Revolução Liberal de 24 de agosto de 1820, ocorrida em Portugal e estendida ao Pará a partir da Revolução de 1º de janeiro de 1821. Entre outros objetivos, o movimento defendia a liberdade de imprensa.

Filippe Patroni não só assistia a esse momento, mas também participava ativamente, pois seus discursos eram publicados na imprensa de Lisboa, tanto em periódicos oficiais como também em outros jornais. Sob essa influência e com a compra do material tipográfico, embora usado, foi que os pioneiros Philippe Patroni e seus companheiros lançaram em solo paraense a semente da imprensa jornalística, gerando “O Paraense”, que circulou pela primeira vez numa quarta-feira, trazendo em suas primeiras páginas o Decreto sobre a Extensão da Liberdade da Imprensa com as Bases da Constituição. (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p.13).

É no contexto político defendido por Philippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente que nasce a imprensa paraense. A partir daí, ainda sem o caráter empresarial dos dias atuais, diversos periódicos e semanários circularam em Belém, uns representantes do Governo e de partidos políticos, outros religiosos. Houve também os defensores de trabalhadores, como os agricultores e comerciantes, ou mesmo os que foram publicados em apenas uma edição, por alguma ocasião especial. Foi registrado, então, um imenso material impresso do século XIX, a partir do qual se pode conhecer a história da própria imprensa e os diversos discursos por ela produzidos.

Junto ao grande número de jornais representantes de disputas político-ideológicas, encontram-se também os jornais estudantis, os quais, marcados pelo forte caráter literário, humorístico e ao mesmo tempo crítico e noticioso, contribuíram para a diversidade da mídia impressa paraense no século XIX.

Habermas e o conceito de *Espaço Público*

Na Europa do século XVII, tornaram-se comum os espaços onde pessoas se reuniam para tomar um simples café e conversar sobre assuntos particulares. Com o passar dos anos e as mudanças de hábitos, os *cafés* tornaram-se pontos de encontro onde se discutiam diversos assuntos, como ciência, filosofia, moral, economia, política e outros temas relacionados ao interesse público.



Em Belém, pode-se citar como exemplo desse tipo de espaço o *Café Central*, que no período áureo da *Belle-Époque* reuniu em terras paraenses autores consagrados como Clarice Lispector, o filósofo Benedito Nunes, o casal Jean-Paul Sarte e Simone de Bouvoir, entre outros que deixaram suas discussões intelectuais fluírem nesse famoso espaço belenense do início do século XX. O poeta João de Jesus Paes Loureiro descreve o espaço:

O Café Central era uma espécie tardia do charme dessa *belle époque* parisiense refletida em Belém até o começo do século XX, por sua elegante decoração interior já um pouco desgastada, atmosfera *saint-germainiana* decorrente da relação com a comunidade intelectual e artística, além da proximidade com a zona boêmia do meretrício. Atraía artistas, estudantes, intelectuais para as conversas redentoras do mundo e a circulação das novidades literárias e filosóficas (...)” (LOUREIRO, 2011, p. 15. Grifos do autor.).

São em espaços como esses, onde havia troca de informações, que Jurgen Habermas começa a analisar a esfera pública. A ideia de espaço público não foi introduzida por Habermas, que trabalhou com o conceito a partir de seu uso contínuo em diferentes épocas e sociedades. Primeiramente, encontra-se a dificuldade de definir certos conceitos, como *espaço público*, *esfera pública* e *opinião pública*, os quais se originam em diferentes contextos da história e em algum momento, conforme o contexto em questão, tornam-se sinônimos.

Para o autor, a gênese da *esfera pública* pode ser definida como uma espécie de área da vida social, na qual as pessoas podem estar juntas, compartilhar ideias ou pensamentos sem se conhecerem ou se identificarem como sujeitos (HABERMAS, 2003, p.45-6). Nesse sentido, o filósofo une três esferas da sociedade que, juntas, resultam na *esfera pública*, a saber:

- 1) Esfera familiar ou a vida privada, a qual as pessoas estariam próximas por identificarem-se entre si.
- 2) Esfera do mercado ou do trabalho ou dos serviços, onde se compartilham o espaço de compra e venda. Age-se diferentemente da esfera familiar.
- 3) Esfera da política, onde o Estado cumpre sua função.

Quando estas três esferas se interpenetram, dialogam entre si, nasce a *esfera pública*. A institucionalização dessa esfera pública, segundo o autor, consolida-se com o surgimento do jornal (HABERMAS, 2003, p.213). A função da imprensa, por meio da circulação dos jornais, inicialmente, seria sintetizar o debate da esfera pública e ampliá-



lo. Assim, o jornal é considerado a primeira forma de espaço público. Porém, o jornal deixou de ser um simples veículo de informações e passou a publicar a opinião conforme os interesses dos editores. Observa-se então, a transformação da imprensa de informação em uma imprensa de opinião. Este é o embrião da redação na empresa jornalística (Bucher *apud* Habermas, 2003). Contribuíram também para a transformação da imprensa, o surgimento, na Europa, dos jornais elitistas, denominados “cultos”, os semanários moralistas e revistas políticas na Inglaterra, por meio dos quais os escritores passaram a utilizar a imprensa com o objetivo de alcançar eficácia publicitária para as ideias que faziam circular nos jornais (HABERMAS, 2003, p. 214).

A mudança estrutural da esfera pública ocorre não somente com a transformação do jornalismo, com o nascimento das editorias e a industrialização do jornal. A invasão publicitária também contribuiu para a mudança estrutural da imprensa e, conseqüentemente, da esfera pública. O espaço público torna-se então, não um espaço real, mas um espaço simbólico, feito de saberes e representações (TÉTU, 2002, p. 431).

Da mesma forma, o surgimento da mídia impressa paraense constituiu, então, um espaço público para a região, como atesta Coelho (1993), a propósito da publicação de *O Paraense*, que marcou o início da imprensa na Amazônia, em 1822. No final do século XIX, a imprensa já fazia parte do cotidiano paraense, inclusive com a edição de jornais diários (SEIXAS, 2011). Nesse conjunto, podem-se encontrar também os jornais estudantis, que eram órgãos oficiais de escolas ou destinados à juventude estudiosa. Esse tipo de publicação tinha caráter literário, marcado pela ênfase à educação, à moral e aos bons costumes. Além disso, também se apresentavam como políticos e noticiosos.

O espaço público presente nos jornais estudantis paraenses

O século XIX foi um período de intensa produção no que diz respeito aos jornais impressos. Dos pequenos impressos aos jornais diários, a imprensa daquele período configurou-se em um espaço público para a região, fazendo parte do cotidiano paraense, ao abordar assuntos direcionados aos leitores, conforme o que os editores consideravam de interesse público. Os jornais estudantis integravam esse contexto, sendo ligados diretamente às escolas ou direcionados ao público, classificado por seus editores, como juventude estudiosa. O Quadro 1 mostra os jornais estudantis enumerados no Catálogo Jornais Paroaras. Ao lado está o ano de publicação.



Quadro 1: Jornais estudantis paraenses do século XIX

Jornais	Ano de Publicação
<i>A Violeta</i>	1853
<i>República das Letras</i>	1873
<i>Ensaio Escolares</i>	1874
<i>A Juventude</i>	1881
<i>O Estudante</i>	1883
<i>A Voz da Mocidade (Belém)</i>	1886
<i>O Aventureiro do Norte</i>	1888
<i>Collegio Salles</i>	1888
<i>A Mocidade (Abaetetuba)</i>	1888
<i>O Porvir</i>	1888
<i>Atheneu Paraense</i>	1890
<i>O Crepúsculo</i>	1890
<i>Iracema</i>	1890
<i>A Mocidade (Belém)</i>	1890
<i>A Mocidade (Bragança)</i>	1890
<i>A Pátria</i>	1890
<i>O Progresso</i>	1890
<i>Revista Estudantina</i>	1890
<i>Christovão Colombo</i>	1892
<i>A Escola</i>	1892
<i>O Atheneu</i>	1899
<i>Echo Juvenil</i>	1899
<i>O Instituto Lauro Sodré</i>	1900
<i>Pallas</i>	1900

Fonte: Biblioteca Pública do Pará, 1985.

Por meio da leitura dos jornais, observou-se que na autodescrição feita pelos redatores, esses impressos eram classificados como órgãos estudantis, órgãos da juventude ou como representantes da juventude estudiosa, além de utilizarem os termos *literários, noticiosos, críticos, políticos, recreativos e humorísticos*.



De um total de 24 jornais estudantis do século XIX, apenas oito estão disponíveis para a pesquisa, a saber: *A Juventude* (1881); *Collegio Salles* (1888); *O Porvir* (1888); *O Crepúsculo* (1890); *A Pátria* (1890); *A Revista Estudantina* (1890); *A Escola* (1892) e *Echo Juvenil* (1899). A leitura foi feita na seção de jornais microfilmados, da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Alguns se encontram em estado bastante danificado, fato que prejudica uma leitura mais detalhada.

Quatro desses jornais funcionaram como órgãos oficiais de instituições de ensino. São eles: *Collegio Salles*, *O Porvir*, *O Crepúsculo* e *A Escola*. Por meio da leitura, foi possível identificar que os jornais foram um meio de comunicação utilizado pelas escolas para tornarem públicas as suas qualidades, as suas atividades, os resultados de testes realizados pelos alunos.

O *Collegio Salles* foi publicado em Belém no ano de 1888, representando esse colégio. Como uma apresentação dos objetivos do jornal, a primeira publicação possui conteúdo essencialmente propagandístico da escola representada pelo jornal:

Para prestar ao publico em geral e a todos os interessados em particular informações completas do movimento anual do collegio, e dar-lhes uma idéia de como trabalhamos para tornar nossas alumnas illustrada por uma solida instrucção, boas por uma bem dirigida educação, e fortes por um conveniente systema de desenvolvimento physico, resolvemos, a exemplo de estabelecimentos que podem servir de modelos, fazer esta publicação avulsa. Sem pretensão nenhuma, a não ser colocar nosso estabelecimento a altura da confiança dos paes de famílias, garantimos inteira sinceridade e a mais absoluta dedicação, como nos ufanamos, de ter tido, no desempenho dos nossos compromissos. Fundado a 6 de janeiro de 1887, tendo portanto apenas dous annos de existência, o Collegio Salles tem sabido manter-se com toda a dignidade, executando o seu programma com lealdade e dedicação, como convem a uma instituição séria. Não poupa sacrificios para torna-se digno da confiança publica, e se esta não lhe faltar he de saber aprecial-a como o tem feito até hoje. (COLLEGIO SALLES, 01/12/1888, p. 1).

Nota-se, por meio da leitura, que o Colégio Salles utilizou-se da mídia impressa para divulgar a seriedade da instituição, não só no ensino escolar, como também na instrução moral. É um meio de comunicação entre a direção do colégio e os pais, já que são publicados as despesas escolares e o resultado dos exames realizados pelos alunos.

O Porvir (1888) foi um jornal de publicação semanal, literário e recreativo, órgão da Instituição de Ensino *Atheneu Paraense* (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 112). Assim como o *Collegio Salles*, esse jornal foi utilizado como meio de divulgar a qualidade da escola, as atividades realizadas, os resultados dos



testes, as disposições sobre as aulas. A última página de todas as edições lidas foi dedicada à poesia e à descrição do instituto de ensino.

O Crepúsculo (1890) foi um jornal que representou o instituto de ensino Lyceu Paraense.⁶ No jornal, manifesta-se a admiração à educação e a arte de ensinar, por meio das homenagens feitas aos professores tidos como referência no estabelecimento de ensino. O engenheiro João Baptista Ferreira Penna foi exaltado por sua dedicação aos estudos e por ocupar uma cadeira como professor no Lyceo Paraense.

Na segunda edição de *O Crepúsculo* foi publicada uma carta sobre a satisfação de se ter o espaço do jornal:

Aos nossos colegas

A muito que os estudantes paraenses não tinham sequer um órgão onde pudessem transmitir ao publico e mesmo aos seus collegas o sentimento que fervilhava no espírito, entregue ao mecanismo do cultivo intelectual: estudava, progredia, civilizava-se, porém não tinham um quadro onde pudessem collorir o verberó das suas imagens adolescentes. (O CREPÚSCULO, 20/07/1890)

Embora a carta não seja assinada, nota-se a valorização dada ao jornal, como um meio de tornar públicas as convicções daquela juventude. Esse jornal também divulgou as ideias a favor da República, da descentralização do Governo e por melhorias na educação. A poesia também era parte do conteúdo do periódico.

O jornal *A Escola*, publicado em 1892, foi órgão oficial da Escola Normal⁷. Dos oito redatores, três eram mulheres (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 139), informação também expressa no próprio jornal, fato que não era rotineiro na imprensa da época. O conteúdo do jornal era essencialmente voltado para o incentivo à educação. Há cartas dedicadas a alunos que se destacaram por seu esforço, com o reconhecimento dos professores. Um dos renomados professores, Francisco F. de Vilhena Alves, por meio de uma carta, elogia a postura dos alunos da Escola Normal em formar o jornal, mas aconselha-os a não deixarem de se dedicar à escola:

Melhor é, com certeza, refocilar o espirito escrevendo artiguinhos inocentes de litteratura amena, do que fazer da imprensa um pelourinho de reputações, ou andar pelas tabernas e botequins estupidos ficando o espirito, estragando o dinheiro e diminuindo dias de vida (...) É preciso, porém – que este novo tentamem os não desorientem, fazendo-os descuidarem-se aos labores da imprensa. É muito bom escrever para o público; mas é muito melhor, para o

⁶ Este estabelecimento de ensino modificou o nome ao longo dos anos. Atualmente funciona em Belém como o Colégio Estadual Paes de Carvalho.

⁷ Este estabelecimento de ensino modificou o nome ao longo dos anos. Atualmente funciona em Belém como Instituto de Educação Estadual do Pará



estudante, obter sempre notas optimas em suas lições. (A ESCOLA 01/08/1892).

Dessa forma, pode-se observar as questões de Habermas (2003) no que tange ao espaço público e ao jornal. Pois se observa que os jornais representantes de instituições de ensino foram o meio de comunicação entre escolas e sociedade, a fim de tornar públicas as diversas qualidades que poderiam oferecer aos alunos da época. Assim, o conteúdo dos jornais não se destinava exclusivamente à faixa etária definida como “jovens”, mas também ao restante da sociedade que prezava por educação e moral. De maneira ambígua, ao mesmo tempo em que o espaço do jornal é público, era relacionado diretamente a uma esfera privada, no caso em questão, às escolas.

No percurso do jornalismo, de pessoas privadas que escreviam até os serviços públicos dos meios de comunicação de massa, a esfera pública se modifica mediante o de interesses privados, que nela conseguem presentificar-se de modo privilegiado -, embora eles não sejam mais, de modo algum, *eo ipso* representativos quanto aos interesses das pessoas privadas *como* públicos. (HABERMAS, 2003, p. 221. Grifos do autor).

Os jornais estudantis sem ligação institucional

A Juventude, A Pátria; A Revista Estudantina e Echo Juvenil não eram órgãos oficiais de nenhum estabelecimento de ensino, porém dedicavam-se ao incentivo da educação e elogiavam os jovens envolvidos em revoluções. Tinham também forte caráter literário.

A Juventude (1881) foi um periódico publicado em Santarém, impresso na tipografia do Baixo Amazonas. Há uma edição disponível na Biblioteca Pública Artur Vianna, em que a primeira página está praticamente ilegível. O jornal é descrito como periódico literário e recreativo e tem como epígrafe a seguinte frase do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare: “De Deus é maldição a ignorância. Nas azas da instrução ao céu subimos”, revelando o estímulo à educação que o periódico trazia aos estudantes (PAULA; SILVA, 2011, p.3). O primeiro texto do jornal faz referência à educação, à importância dos livros, das ciências e das artes:

A couza realmente importante (diz um escritor portuguez) e q’ a consideração merece na nossa actual reorganização social é a educação publica. Infelizmente entre nós a educação do povo tem sido a mais lenta e descuidada quanto é possível imaginar-se, e isto não só devido a pouca importancia que lhe tem merecido do nosso governo, como ainda, e principalmente, porque a ociosidade pelo ensino e a grande falta de entusiasmo, de que se resente nossa mocidade para todo quanto é grande, justo, bom, belo, simples,



honroso, e honesto, muito tem concorrido para o desaparecimento do progresso da nossa sociedade. (Jornal A Juventude, 20/09/1881, p.1).

Nota-se a denúncia à falta de atenção do governo para com a educação pública, bem como a busca por uma conscientização da juventude. As outras “editorias” do jornal *A Juventude* são: *Poesia, Instrução Primária, Folhetim e Secção Recreativa*.

Destaca-se em *A Pátria* (1890), periódico literário e noticioso, de publicação quinzenal, órgão da classe estudantil (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 130), a referência ao lema *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, afirmando que por meio dele contribuiria para o “bem da instrução e da Pátria” (*A PÁTRIA*, 1890, p.1) O jornal mencionou os estudantes de Paris, engajados politicamente nas revoluções daquele período:

Nos festivaes da historia, há um logar reservado á mocidade, que na vida de todas as nações representa o elemento mais poderoso das duas conquistas e liberdades. A mocidade estudiosa de Paris deve-se talvez o melhor resultado das revoluções que se tem operado na França. Representante de um futuro não longínquo é a mocidade que se deve a realização das mais sublimes utopias (...) (Jornal *A Pátria*, 18/08/1890, p. 2)

A Revista Estudantina (1890) não fugiu ao caráter poético dos jornais estudantis. Porém, em meio às poesias e a homenagem dedicada ao poeta brasileiro Gonçalves Dias, o periódico também fez alusão aos fatos ocorridos na França. Dessa vez, o país ganha destaque em um jornal pela lembrança do aniversário da Revolução Francesa.

Marca esta data o dia mais glorioso na história de um povo- esse povo é o Francez, que illustre entre os mais ilustres por tradição, encetou no dia que essa data commemora, a árdua estrada da liberdade, por onde os povos modernos, segundo sua trilha ovante e gloriosa. (REVISTA ESTUDANTINA, 1890, p.7).

Observa-se, então, o incentivo à juventude e aos movimentos políticos, tomando como exemplo um país que foi palco de muitas manifestações que mudaram o cenário político do mundo.

Por fim, o último jornal deste *corpus* foi o literário, crítico e noticioso *Echo Juvenil* (1899), que em sua primeira página reverencia a imprensa como um meio de progresso de uma sociedade.

O attestado mais eloquente do progresso de uma nacionalidade aquilata-se pela representação de sua mentalidade, no tabernaculo de seus acontecimentos – a imprensa. Jamais poder-se-á negar os beneficos effectos que á nobre causa da civilização presta sempre a imprensa, que seria negar o seu mais poderoso factor, seria negar seu potente auxilio nos destinos da



humanidade, seria negar a própria fonte, d'onde caudalosamente brota a mesma civilização. (Jornal *Echo Juvenil* 20/08/1899, p.1).

A função da imprensa foi ressaltada no *Echo Juvenil*, que deixou evidente a preocupação desse tipo de jornal com a opinião pública, esclarecendo em um texto de primeira página o papel da imprensa na sociedade.

A semelhança identificada na leitura dos oito jornais foi a linha editorial com enfoque na educação, na moral e nos bons costumes. Esses jornais publicavam as notas dos alunos, os exercícios feitos em sala de aula, faziam a propaganda das instituições de ensino, homenageavam professores e falavam sobre a imprensa. Nota-se a importância dos jornais como espaço público, no que se refere às escolas, pois elas se utilizavam daquele meio de comunicação para tornar público o que os responsáveis selecionavam como sendo de interesse dos leitores. Era comum os outros grandes jornais, que circulavam concomitantemente aos periódicos estudantis, publicarem informações sobre eles, fazerem saudações aos alunos das escolas, aos escritores e redatores e aos diretores.

Considerações Finais

Conforme a proposta do projeto de pesquisa “Jornais paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, a qual consiste em analisar a configuração gráfica e de conteúdo dos jornais e revistas que circularam nesse período, este artigo apresentou pesquisa feita em oito jornais descritos como estudantis ou representantes da juventude. Como apoio teórico foram utilizados os estudos do filósofo e sociólogo alemão Jurgen Habermas (2003) em relação à esfera pública e a sua transformação de acordo com as mudanças do jornalismo. De acordo com os estudos do autor, a função da imprensa, por meio da circulação dos jornais, inicialmente, seria sintetizar o debate da esfera pública e ampliá-lo. Assim, o jornal é considerado a primeira forma de espaço público.

Observou-se no *corpus* de pesquisa selecionado para este artigo que os jornais classificados como estudantis estavam na esfera pública, à medida que seu conteúdo era útil a uma significativa parcela da sociedade, mas, ao mesmo tempo, estavam na esfera privada, em razão de seguirem os interesses das instituições de ensino que representavam.

Na análise, foi observada a importância desses periódicos para a diversidade da imprensa paraense no século XIX, pois eles circularam em meio a grandes jornais, cujo



conteúdo estava relacionado essencialmente à política e a assuntos da cidade em geral. Os jornais estudantis fizeram-se presentes no espaço público da imprensa da época.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquista, demagogos e dissidentes**: a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém : CEJUP, 1993.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da classe burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Café Central**: o tempo submerso nos espelhos. São Paulo: Escrituras, 2011.

PAULA, Julieth; SILVA, Camille Nascimento. **A voz do estudante belenense na mídia impressa do século XIX**. Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da II Conferência Sul-Americana e VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, realizadas entre os dias 17 e 22 de outubro, em Belém, Pará.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornais Paraoaras**: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX. Projeto de pesquisa CNPq Edital MCT/CNPq/ MEC/CAPES N.º 02/2010. Pará: UFPA, 2010.

_____. O uso da imagem na mídia impressa em Belém: percurso e configuração. In FERNANDES, Márcio; NASCIMENTO, Layse; PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris (orgs.). **Fatos do passado na mídia do presente**: rastros históricos e restos memoráveis. p. 279-306. São Paulo, Guarapuava, PR: Intercom e-livros, Unicentro Paraná, 2011.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. 2 ed. p. 431-448. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.